

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

IVO ANDRIĆ

O PÁTIO MALDITO



cavalo de ferro

É Inverno, a neve cobriu tudo até à soleira da porta e tirou a todas as coisas o seu aspecto real, fundindo-as numa só cor e aparência. Por baixo dessa alvura, desapareceu também o pequeno cemitério onde só as cruzes mais altas espreitam da neve profunda. Nesta neve imaculada, vêem-se apenas vestígios de um trilho estreito; fora aberto no dia anterior, por ocasião do funeral de frei Petar. Ao fundo, a passagem alarga-se num círculo irregular, e a neve à sua volta tem a cor rosa-dada do barro lamacente, como uma ferida fresca na brancura geral que se estende até ao infinito e sorrteiramente desaparece dentro do deserto do céu ainda carregado de neve.

É tudo o que se vê da janela da cela de frei Petar. A brancura do mundo exterior mistura-se com a penumbra sonolenta que impera dentro da cela, o silêncio dá-se bem com o sussurro dos numerosos relógios que ainda trabalham, enquanto outros, já sem corda, estão parados. A perturbar este silêncio só a discussão abafada dos dois frades que na cela vazia do lado fazem o inventário das coisas de frei Petar.

O velho frade Mio Josić resmunga qualquer coisa incompreensível. É o eco das disputas outrora com o falecido

frei Petar, que, sendo «relojoeiro, espingardeiro e mecânico afamado», gastava o dinheiro conventual coleccionando com grande paixão tudo o que era ferramenta para a resguardar ciosamente de todos. Depois, em voz alta, ralha com o jovem frei Rastislav, que propõe que se acenda a lareira e que o inventário não seja feito no quarto frio.

— Ai que juventude tão desgraçada! Sois todos assim, os jovens, friorentos como meninas. Precisas lá tu da cela aquecida! Até parece que foi pouco o que se queimou e gastou neste Inverno!

E, ao dizer isto, o velho dá-se conta de que é como se estivesse a repreender o falecido, que ainda jaz quente na sepultura, e pára, mas logo de seguida continua a implicar com o jovem.

— Eu digo sempre: tu não és Rastislav mas sim Gastislav! Até mesmo esse teu nome, meu desgraçado, não augura nada de bom. Tempos houve em que os frades se chamavam frei Marco, frei Mio, frei Ivo, mas agora tomais todos uns nomes de romance, ou sei lá donde: um é frei Rastislav, outro frei Voislav, outro frei Branimir. E assim é que é.

O jovem frade faz um gesto fastidioso a estas brincadeiras e reprimendas que já ouviu centenas de vezes e que ainda vai ter de ouvir só Deus sabe quantas vezes mais. E o trabalho continua.

Os homens que inventariam a herança deixada pelo falecido, que, há dois dias ainda estava aqui, vivo como eles estão agora, têm um aspecto muito peculiar. São os representantes da vida triunfante que continua a andar pelo seu próprio caminho, seguindo as suas necessidades. Mas não

são verdadeiros vencedores. Todo o seu mérito está em terem sobrevivido ao defunto. E, vistos assim de longe, parecem quase ladrões, mas aqueles ladrões que estão certos da sua impunidade e sabem bem que o proprietário não pode voltar e apanhá-los em flagrante. Não são ladrões, mas, por alguma razão, é o que fazem lembrar.

— Toca a escrever — ouve-se a voz rouca do velho frade.
— Escreve: «Um alicate grande, de Kreševo. Um.»

E, sempre assim, ferramenta atrás de ferramenta; no final de cada frase a peça registada faz um estrondo oco, atirada à sorte para cima da pilha de objectos amontoados na pequena banca de carvalho do falecido frei Petar.

Aovê-los e ao ouvi-los, o ânimo vai-se voltando, mesmo sem querer, da vida para a morte, daqueles que fazem contas e se apoderam para aquele que tudo perdeu e que já de nada precisa, porque já não existe.

Há apenas três dias, sobre este largo divã, que, agora sem lençóis nem almadraque, mostra só as tábuas nuas, estava deitado ou até sentado frei Petar — e contava histórias. E agora, enquanto contempla a sepultura imersa na neve, o jovem não faz outra coisa senão pensar nos seus relatos. O que queria mesmo era dizer, pela terceira ou quarta vez, quão bem ele falava. Mas não é coisa que se possa dizer.

Ao longo das últimas semanas, o velho falava muito, e amiúde, da sua estada em Constantinopla. Havia passado muito tempo desde então. Por causa de uns negócios difíceis e complicados, a irmandade enviara a Istambul frei Tadeu Ostojić, ex-definidor e ex-guardião («era todo feito de ex!»), homem lento e digno, apaixonado pela própria lentidão e

dignidade. Sabia falar turco (lenta e dignamente), mas não o sabia ler nem escrever. Por isso, deram-lhe como acompanhante de viagem frei Petar, como bom conheedor que era do turco escrito.

Ficaram em Constantinopla durante quase um ano inteiro, gastaram tudo o que tinham levado e chegaram mesmo a endividar-se, sem terem acabado trabalho nenhum. E tudo por causa da desventura que acontecera a frei Petar, que, sem qualquer culpa sua, fora vítima de um encontro de circunstâncias loucas só possíveis em épocas turvas, quando o poder já não distingue um justo de um culpado.

Aconteceu que, pouco depois de terem lá chegado, a polícia interceptou uma carta dirigida ao internúncio austríaco em Constantinopla. Tratava-se de um extenso relatório sobre a situação da Igreja na Albânia e as perseguições aos sacerdotes e fiéis. O correio conseguiu fugir. Como naquele tempo em Istambul não havia outros monges que viessem daqueles lados, a polícia turca, seguindo a sua própria lógica, prendeu frei Petar. O frade ficou no cárcere durante dois meses, «sob investigação», sem nunca ter sido submetido a um verdadeiro interrogatório.

Destes dois meses passados na prisão de Istambul, frei Petar falava mais e de maneira mais entusiástica do que de qualquer outra coisa. Falava pausadamente, em fragmentos, como pode fazer um homem gravemente doente que se esforça por não mostrar ao seu interlocutor a dor física e o pensamento frequente sobre a morte que está cada vez mais próxima. Estes fragmentos nem sempre seguiam uma ordem ou sequência. Muitas vezes, ao narrar, o frade repetia o que já tinha dito

e amiúde avançava saltando bons pedaços de tempo. Falava como alguém para quem o tempo já nada significava e que, por isso, também na vida alheia não dava qualquer significado ao tempo ou à sua marcha regular. As suas histórias, então, podiam interromper-se, continuar, repetir-se, andar para a frente ou voltar para trás, completar-se depois de terminadas, explicar-se e ampliar-se sem respeito pelo lugar, tempo e ordem real dos acontecimentos.

É verdade que graças a esta maneira de contar ficavam muitos vazios e partes por explicar, mas o jovem envergonhava-se de interromper a narração, chamar a atenção para essas lacunas e fazer perguntas. O melhor é deixar falar o outro à vontade.

I

É uma verdadeira cidade de presos e guardas a que levantinos e marinheiros de todas as nacionalidades chamam «Depósito», mas que é mais conhecida por «Pátio Maldito», como lhe chama o povo, sobretudo todos os que com ela têm um laço qualquer. Por aqui passam e aqui encalham todos aqueles que, dia após dia, ficam presos e encarcerados nesta extensa e populosa metrópole, por terem culpa ou por serem suspeitos de a ter. Ora, nesta terra, a culpa é muita e de todas as espécies, e a suspeita chega longe, em profundidade e em amplitude. Isto porque a polícia de Constantinopla professa o sagrado princípio de que é mais fácil libertar um inocente do Pátio Maldito do que andar à procura de culpados pelos meandros da cidade. É aqui que se faz a grande e lenta seleção dos presos. Uns são interrogados para serem julgados mais tarde; outros cumprem uma curta pena ou, se se provar que realmente não têm culpa, são libertados; e há ainda outros que são enviados para o desterro em paragens longínquas. É também um grande reservatório de onde a polícia recruta, conforme a necessidade, falsas testemunhas, «iscos»

e provocadores. Assim, aqui se junta uma colorida multidão, e o Pátio, sempre cheio, esvazia-se e enche-se, sem cessar.

Há pequenos e grandes delinquentes, desde o rapaz que roubou um figo ou um cacho de uvas da banca do mercado até assaltantes mais perigosos e aldrabões de alta categoria; há inocentes e falsamente acusados, dementes e perdidos, infelizes trazidos para aqui por engano, da cidade e de todos os cantos do país. A grande maioria dos presos vem de Constantinopla, uma verdadeira selecção dos piores entre os piores que rastejam pelas docas e ruas da cidade imperial ou se escondem nas tocas da periferia. Arrombadores, carteiristas, artistas do jogo; grandes vígaros e chantagistas; pobres diabos que roubam e aldrabam para viver, bêbedos, boémios que se esquecem de pagar o que beberam, valentões de taberna e arruaceiros; pálidos e desalentados que pedem à droga o que não puderam obter da vida e fumam haxixe ou mascam ópio, e não há nada que não façam para obter o veneno sem o qual não podem viver; velhos irremediavelmente viciados e jovens irremediavelmente estragados pelo vício; homens de instintos e hábitos perversos que não os escondem nem embelezam, antes os expõem aos olhos do mundo, porque mesmo que os quisessem esconder não eram capazes, pois são transparentes em todos os seus actos.

Há assassinos reincidentes e aqueles que já várias vezes fugiram da cadeia e que por isso são acorrentados ainda aqui, antes do julgamento e da sentença. Estes, em desafio, fazem tilintar as correntes, amaldiçoando com raiva os ferros e aquele que os inventou.

Aqui chegam todos os exilados das províncias ocidentais e é aqui que se decide o seu destino: quem tem relações e protectores em Constantinopla é libertado e volta para casa, ou então é enviado para a prisão na Anatólia ou em África. São conhecidos por «presos de passagem», normalmente gente mais velha, respeitada na sua terra, membros de diferentes credos e classes, que se viram envolvidos em lutas e conflitos algures pelo país, acusados pelo poder ou caluniados pelos inimigos de serem suspeitos de rebeldia política ou motim. Trazem consigo baús e alforjes cheios de roupa e de outras coisas e com dificuldade conseguem defender-se dos gatunos com quem têm de partilhar a cela. Preocupados e taciturnos, tentam, o mais possível, manter-se à margem.

Umas quinze casas térreas, ou sobrados de um andar, construídas e aumentadas ao longo de muitos anos, ligadas por um muro alto, cercam um imenso Pátio íngreme e alongado, de forma completamente irregular. Somente em frente ao pavilhão onde estão os guardas e a administração há uma pequena calçada; tudo o resto é terra batida cinzenta e dura, da qual nunca chega a brotar um pé de erva por tantos homens a calcarem de sol a sol. Duas ou três pobres árvores anémicas, perdidas no meio do Pátio, sempre feridas e desnudadas, levam uma vida de mártires, à margem das estações. De dia, este Pátio espaçoso e esburacado parece uma feira de raças e povos. De noite, toda esta multidão é enxotada para as celas, quinze, vinte e até trinta homens numa só. E aí, ruidosa e colorida, a vida continua. Raras são as noites calmas.

Encarcerado por engano no «Pátio Maldito», a mais sinistra prisão de Istambul, então Constantinopla, capital do Império Otomano, frei Petar, monge bósnio cristão, ouve as várias histórias dos seus companheiros de infortúnio, entre os quais se contam assassinos, violadores, assaltantes, conspiradores, mas também inocentes e falsos acusados de todas as nacionalidades, classes e religiões. Entre estes relatos, há um em particular que assombrará as memórias futuras do monge: o do jovem Kâmil, nobre turco que de tanto ler e estudar perde o juízo e se convence de que é um sultão rival e inimigo do Estado, por isso perseguido e encarcerado.

Parábola magistral sobre a natureza do mal, a arbitrariedade do poder e os mecanismos de opressão, *O Pátio Maldito*, do Prémio Nobel de Literatura Ivo Andrić, foi considerada a melhor novela em servo-croata do século xx.

«Uma turbulenta viagem onde se confundem
a sabedoria e a maldade, a inocência e a ignorância
que habitam nos homens, o seu comportamento
face a situações adversas.»

Pedro Caldeira Rodrigues, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
[f/cavalodeferro](#)
[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-544-1



9 789895 895441